

**ULISSES LOPES:
UM JOVEM NA HISTÓRIA DA LUTA OPERÁRIA E
SINDICAL DO RIO DE JANEIRO¹**



Marco Aurélio Santana²

¹ Homenagem recebida em 15/11/2024. Aprovado pelos editores em 24/11/2024. Publicado em 05/11/2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v22i49.65419>.

² Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Brasil. Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). E-mail: msantana@ifcs.ufrj.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1729257049926692>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3181-6964>.

Quando setores civis e militares deram o golpe de Estado em 1964, no campo político e sindical, eles colocavam fim a uma experiência rica e potente, em termos de organização e mobilização operárias, que se estendia desde 1945. Encerravam de forma violenta e trágica a experiência de toda uma geração de “bravos companheiros”, que atuavam em várias categorias e em suas entidades sindicais. Uma geração que conseguiu organizar a classe trabalhadora brasileira da época desde o chão das empresas até as estruturas intersindicais, ampliando e democratizando a vida de suas entidades de representação. Já desde o dia primeiro de abril, deflagrado o golpe, começam a ser perseguidos, presos, torturados, processados e banidos, desarticulando todo o trabalho que vinham desenvolvendo.

Muitos nomes e entidades ganharam destaque neste período. E constam meritoriamente na história e nas memórias construídas sobre ele. Muitos outros foram contribuintes menos conhecidos e outros anônimos, mas não menos importantes, deste ascenso da classe trabalhadora brasileira. Ulisses Lopes, dos metalúrgicos do Rio, está entre essas peças importantes naquelas engrenagens que moveram a classe trabalhadora em um dos seus períodos mais gloriosos, entre 1945 e 1964. Ele atravessa grande parte do período como um jovem trabalhador, com clara diferença etária entre ele e seus companheiros. Dos 16 anos em 1945, não tinha completado ainda 35 anos quando o golpe é deflagrado. Ele percorre uma trajetória ascendente típica do que deveria ser a militância comunista naquele momento. Ele sai da escola direto para a fábrica. Neste novo mundo ele tem contato com a militância, o debate e a política sindical e partidária. Ali, começa a atuação no partido e nos conselhos de fábrica, atua em várias comissões sindicais e chega à diretoria da entidade sindical sendo seu secretário-geral em 1964.

A capacidade de análise, a perspectiva crítica, a dedicação e o engajamento lhe davam destaque. Participou de forma sempre entusiasmada das variadas atividades levadas a cabo pelo sindicato e pela categoria. Por exemplo, quando dirigiu o II Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado da Guanabara, em 1962. No texto de capa do Regulamento Geral do Encontro, se indica o objetivo do conclave que seria: “estreitar os laços fraternais que unem os jovens metalúrgicos de diversos setores de nosso Estado, despertando-os através de promoções esportivas, recreativas e culturais, para a prática das atividades sindicais e para as conquistas das mais sentidas reivindicações da juventude metalúrgica”.

Detentor de uma memória que impressiona, Ulisses Lopes escreve correntemente, ainda hoje, sobre sua trajetória com imagens bastante vivas. Selecionamos aqui, como forma de homenagem a ele, extensiva a toda a sua geração, três passagens que mostram o olhar desse, à época, jovem trabalhador sobre suas experiências na fábrica, no sindicato, no partido e com seus companheiros. Também estão incluídas algumas fotos por ele legendadas e documentos de seu Acervo pessoal, doados ao Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ)/IFCS-UFRJ, na Coleção Ulisses Lopes.

A Placa

“O homem vale sobretudo pela idéia que o anima.”
Henry Bordeaux

Em 1944 eu deveria cumprir o último ano do curso secundário na Escola Técnica Visconde de Mauá mas saí antes. Deixei-a no final de 43 para trabalhar na indústria metalúrgica. No dia 4 de janeiro de 44, aos quinze anos, ingressei na Cia de Ferro Maleável, meu primeiro emprego.

Fundada à época da Segunda Guerra mundial pelo francês Jean Duvernoy, no ramo de fundição, a fábrica não completara o seu primeiro ano de existência e Paris fora libertada, o Exército Vermelho ocupara a Prússia Oriental, e a “cobra estava fumando” no Vale do Pó com o batismo de fogo dos pracinhas brasileiros.

Entre os setenta operários da Ferro Maleável havia um grupo de comunistas e simpatizantes do Socialismo, alguns dos quais tinham experimentado perseguições, torturas e cárcere sob o regime do Estado Novo ainda vigente no país, embora enfraquecendo à medida em que o nazifascismo ia sendo batido na Europa. Vivia-se um clima de euforia e esperança ante a iminente vitória dos Aliados. Na fábrica, tão logo almoçavam, os operários mais esclarecidos agrupavam-se numa área livre e ali ficavam conversando até que a sirene soasse para o reinício do trabalho. Naquelas reuniões, as notícias da guerra eram assuntos predominantes, mas não os únicos. Futebol, programas de rádio, cinema, piadas e anedotas também tinham lugar no bate-papo. Alguns companheiros prendiam-se a assuntos específicos. Uns só falavam da guerra: da FEB, das manobras aliadas ou do avanço do exército soviético. Outros dedicavam-se a falar do governo, geralmente elogiando-o. Quando

alguém ousava criticar Getúlio Vargas, fazia-o pisando em ovos. Entre todos, dois destacavam-se e de tal forma, que na verdade ditavam o rumo daquele papo diário: Mário Matheus de Lourde, um mineiro altão, magérrimo, tagarela; e Orfeu Zanola - o seu oposto -, baixinho, rotundo e caladão. Observador, Zanola não jogava conversa fora, só ia na boa, isto é, só intervinha em assunto realmente sério. Mário era um maestro regendo o grupo sentado à sua volta. Sugería assuntos, mantinha ordem no bate-papo e, se eventualmente a coisa descambava para um bate-boca ou enveredava por caminhos fúteis, Mário Matheus chamava o jogo para ele. Fazia piadas, contava “causos”, e logo reconduzia o papo para um nível elevado. O magrão mesclava humor e política com tal habilidade que as reuniões tornavam-se leves e sempre concorridas. Eu que não perdia uma, sem que me desse conta fui evoluindo de simples assistente para ativo participante daquelas discussões. E isso aconteceu porque logo nas primeiras reuniões a que compareci, Matheus e Zanola notaram que eu não gostava de Getúlio Vargas e reagia sempre que alguém elogiava o caudilho. A partir daí, raro era o dia em que um deles não fizesse uma referência elogiosa a Vargas só para me ver espernear. Usavam-me! Apesar do afrouxamento do regime ditatorial face à derrota do Eixo cada dia mais próxima, havia ainda muita cautela nas críticas ao governo. Por isso, percebendo que eu não tinha papas na língua e talvez acreditando que por ser ainda um menino de quinze anos eu não corresse maiores riscos, Matheus e Zanola me provocavam só para me ver revidar baixando o pau no Getúlio. O que eles não notavam é que eu, pouco a pouco, ia tomando antipatia pelos dois.

Terminada a guerra mundial, eu seguia para casa num bonde Ramos, quando no último ponto da Avenida dos Democráticos quase na esquina com a Uranos dei com uma vistosa placa tomando toda a fachada de uma casa de frente. A placa atraiu-me. Mais do que pelo tamanho ou pelo COMITÊ DISTRITAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL nela inscrito, impressionou-me a foice e o martelo na cor amarelo-ouro, entrelaçados sobre um fundo vermelho. Cinco minutos mais e lá estava eu, dentro da sala do Comitê fazendo minha inscrição no PCB.

Eu não sabia nada sobre o Partido ou o simbolismo daquelas duas ferramentas cruzadas. Até então, o mais próximo que eu chegara do Socialismo fora uma viagem pelas páginas de Gorki. Tinha alguma informação sobre Prestes. Admirava-o pelo que ouvira a respeito da Coluna, de Olga Benário e de sua

resistência ao nazifascismo, mas nada sabia sobre o Partido. Aquela placa me recrutou.

Ao deixar a sede distrital levava comigo endereço e hora marcada para uma reunião a fim de conhecer os companheiros da célula em que atuaria. Na fábrica, temendo a reação “daqueles getulistas” não falei com ninguém sobre o assunto.

Dias depois, à noite, parti para a reunião. O local, uma casa ao lado da Igreja de São Geraldo em Olaria, ficava bem perto da casa onde eu estava morando, a dos meus padrinhos.

Ansioso, foi como cheguei ao local da reunião. Dominado por um certo receio, perguntava-me: como seriam as pessoas com quem iria lidar? O que pretendariam? Quais seriam os seus objetivos?

Uma vez no portão, apertada a campainha, fui levado à sala destinada à reunião e tive um choque! Na cabeceira da mesa, dirigindo os trabalhos, lá estavam dois companheiros bem conhecidos que me receberam com alegria, mas tão espantados e surpresos quanto eu: Mário Matheus e Orfeu Zanola. O falastrão e o comedido. Ambos tremendos comunas enrustidos.

O Comício da Carioca

“Dois mil anos de civilização são muito pouco para abolir instintos adquiridos em milênios de vida selvagem.”
Giles St. Aubyn

Largo da Carioca, 23 de maio de 1946. Integrando um grupo de metalúrgicos da Companhia de Ferro Maleável fundição onde trabalhávamos, lá estávamos nós atendendo à convocação para o comício programado pelo Partido Comunista em prol de uma nova Constituição. A anunciada participação de Prestes representava uma razão a mais para justificar a minha presença pois eu tinha grande apreço por ele, a quem conhecera pessoalmente numa reunião com militantes da zona da Leopoldina, na rua Uranos. A Coluna, a resistência ao fascismo, Olga Benário, tudo em sua trajetória contribuía para a grande admiração que eu tinha pelo Cavaleiro da Esperança.

Quando chegamos ao Largo o clima era tenso pois corria um zum-zum de que o comício fora proibido e seria dissolvido. Apesar disso, o Largo estava tomado de

manifestantes. Por trás do Convento, no Morro de Santo Antônio (que ainda não tinha sido transportado, como aterro, para o Flamengo), havia o quartel da PE, a temida Polícia Especial, tropa de choque da ditadura Vargas. Mesmo após a queda de Getúlio, a PE continuara prestando seus préstimos ao governo, ou seja, dando porrada a torto e a direito. A prática dos bandidos do quepe vermelho era chegar batendo ou atirando, sem pedir ou dar explicações. Duas figuras muito conhecidas no futebol brasileiro foram membros do famigerado Socorro Urgente da PE: Augusto da Costa, zagueiro do Vasco da Gama, capitão da Seleção Brasileira de 1950 e o truculento árbitro Mário Vianna.

Em dado momento, pela ladeira que vinha do quartel até as proximidades da rua Senador Dantas, os choques da PE começaram a descer. Faziam-no em alta velocidade com as suas sirenes em altíssimo som. Imitavam os stukas da Luftwaffe de Hitler que, para minar psicologicamente as populações das cidades atacadas, desciam sobre os seus alvos fazendo um barulho aterrador antes de despejarem suas cargas mortíferas. Foi como fizeram quando arrasaram Guernica.

Por cerca de meia hora a PE cantou à nossa volta. Odisseus, o meu homônimo grego pôde evitar o canto das sereias, mas eu não tinha como deixar de ouvir aquele canto das sirenes.

De repente, ouviram-se as primeiras rajadas. Metralhada, a massa desfez-se em debandada. Foi grande o tumulto pois não era fácil sair dali. As entradas das ruas Senador Dantas e Treze de Maio estavam bloqueadas. Os choques da PE, vindos da Avenida Rio Branco, entravam pelas ruas da Assembleia e Sete de Setembro a fim de ocupar a Uruguaiana e cercar a área do comércio. Sair dali sem bater de frente com a PE, só pela rua da Carioca.

Naquele tempo os espaços entre as portas das lojas eram utilizados pelos comerciantes que neles fixavam mostruários de aço onde expunham seus produtos. Num deles, o pouquinho que restava aquém da porta, com mais uns trinta centímetros que entrava pela calçada, foi a barreira onde me espremi buscando proteção bem junto à esquina da Carioca com Uruguaiana. Dali pude ver policiais vindo a pé pela Assembleia, atirando contra manifestantes em fuga. Meus companheiros desapareceram e só fomos nos reencontrar na fábrica, na manhã seguinte. No momento em que me protegi no improvisado bunker o tiroteio era intenso, mas pude manter a calma certo de que apesar de precário, meu abrigo oferecia alguma segurança. Fugir pela rua da Carioca rumo a Praça Tiradentes

parecia a melhor rota de fuga, mas temendo levar um tiro pelas costas deixei-me ficar onde estava.

Quando era maior o tumulto, um sujeito em desabalada carreira passou perto, tropeçou e mesmo aos trambolhões foi em frente sem se importar com livro e chapéu que deixou caídos junto a mim. Ao cessarem os estampidos resolvi sair dali. Apanhei o livro, pus na cabeça o chapéu que o companheiro em fuga deixara na calçada e saí caminhando em direção à Praça Tiradentes. Numa boa, como se nada tivesse acontecido. Sempre fui assim. Nos momentos mais difíceis nunca me deixei dominar pelo pânico.

Entrando na Ramalho Ortigão cheguei ao Largo de São Francisco e tive que me apressar para pegar meu bonde Penha prestes a sair. Na viagem, atento ao que os passageiros comentavam sobre os acontecimentos, nem me lembrei de abrir o livro que carregava e cujo conteúdo desconhecia por que estava encapado. Só na altura da estação de Barão de Mauá eu o folhee. Era uma gramática da língua russa. Coisa rara ainda hoje e quase impossível de encontrar naquela época.

No dia seguinte, toda a imprensa ainda sob severo controle oficial, minimizou o massacre perpetrado pela polícia. O jornal O GLOBO justificou a inexistência de fotos em sua edição alegando ter faltado água na redação, sem a qual tornara-se impossível a preparação dos clichês necessários à impressão das fotos.

O chapéu e o livro (meus troféus de batalha), não pude devolvê-los ao dono por não ter como encontrá-lo. O chapéu, dei-o ao meu padrinho que o teve sobre a cabeça por mais de vinte anos. A gramática, coitada, essa teria por destino alimentar a fogueira que Genny e mamãe, aflitas, acenderam na manhã de 1º de abril em 1964.

Cara de Trem

“A ostra pode não ser um modelo de beleza,
mas é sempre uma esperança de pérola”
Eno T. Wank

Benedicto Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio foi quem o apelidou de “cara de trem”. Realmente, quem olhasse detidamente para ele haveria de concordar. Suas feições tinham mesmo alguma coisa de locomotiva...

Nas assembleias sindicais, o plenário vibrava quando sua vez ao microfone era anunciada. A simplicidade e a clareza emanadas da sua fala da caatinga dominavam a todos. Identificava-se com a gente simples que o aplaudia. Sem firulas, suas palavras vestiam-se com a crueza da verdade. Podia estar errado, mas, se acreditava no que dizia, dizia-o sem rodeios. Sua boca só falava o que lhe ia no coração. Quando discordava de um orador na tribuna, aparteava-o com um retumbante “disconcordo!” que ecoava pelo plenário provocando risos e entusiásticos aplausos. Não raro muitos dos que o aplaudiam faziam-no por concordarem com ele, mas careciam de coragem para defenderem de público as suas próprias opiniões, como o fazia o bravo sergipano em suas “disconcordâncias”.

Juvenal José dos Santos era o seu nome. Um companheiro leal, correto, honesto por inteiro. Não fazia a mais insignificante concessão com relação ao mau uso dos dinheiros da entidade. Toda e qualquer tarefa que lhe caía sobre os ombros ele cumpria com dedicação e seriedade: na Delegação Sindical, nas comissões de trabalho, nos congressos e conferências, fosse onde, ou no que fosse.

Mas Juvenal nem sempre foi assim!

Pelo que fora no passado, Juvenal era a prova de que a ostra, ainda que feia, pode trazer uma pérola dentro de si. Juvenal foi uma ostra premiada. Que pérola tinha ele guardada sob aquela casca grossa!...

Na Companhia de Ferro Maleável onde trabalhávamos, ninguém, nos anos 40, podia dizer-se colega e muito menos companheiro do “seu” Juvenal, chefe do forno. Todas as manhãs, enquanto aguardávamos o apito avisando a hora de partir para mais-valia, Juvenal passava por nós. Nenhum gesto, nenhum bom dia. De cabeça erguida, impecavelmente trajado, sequer nos olhava. Dos sapatos ao chapéu de panamá, um dândi. Não fossem sete horas da manhã, e não estivéssemos na porta de uma fábrica, dir-se-ia que Juvenal chegava para um baile.

Ele era só isso: pose, ar superior, vaidade e distância.

Um dia, estourou uma greve na fábrica. O Sindicato, sob intervenção ministerial, colaborou com os órgãos de repressão e denunciou os líderes da paralisação. A fim de reprimir o movimento o DOPS - Departamento de Ordem Política e Social -, mandou para a Ferro Maleável um grupo de agentes liderados pelo tristemente famoso Inspetor Vasconcellos que, por ironia, era primo do químico da firma, este, porém, um bom sujeito.

Tão logo chegou à fábrica o grupo de beaguins, do qual fazia parte o odiado torturador Bolinha, não perdeu tempo. Prenderam diversos companheiros que arrastados para o escritório da empresa, foram ali barbaramente espancados. De nada valeram os apelos feitos pelo patrão (Jean Duvernoy), intentando impedir que seus operários fossem brutalizados. Nesse seu desesperado e inútil esforço, o empregador contou com a ajuda do “seu” Juvenal que, estando presente, ficou chocado com a cena que testemunhava. O preço pago foi bem alto, mas aquela selvageria iria resultar em algo de bom: o sangue dos companheiros seviciados abriria a ostra, a pérola ia surgir. Dali em diante, o “seu” do Juvenal chefe de forno, pernóstico, patronal, autoritário desapareceria. Nascera o Juvenal, companheiro Juvenal, simples, solidário, leal, dedicado por inteiro à causa dos trabalhadores, seus iguais.

Hoje, mais de meio século após aqueles acontecimentos, tomado de indignada tristeza, lembro-me das palavras proferidas por Juvenal num inflamado discurso quando da inauguração da nova sede do Sindicato, o Palácio dos Metalúrgicos: “As portas desta casa que pertence a gente, têm que estar sempre abertas e a serviço dos metalúrgicos. Se um dia a gente encontrar elas fechadas nós mete o pé e bota abaixo porque a gente tem de saber se tudo que se passa aqui dentro é pro bem dos trabalhadores, porque foi pra isso que nós construímos ela”.

Fotos 1 e 2: II Congresso dos Metalúrgicos. Itanhaém (SP), 1959.



Ulisses oferece uma flâmula
do Sindicato (Campanha
da Nova Sede) ao Delegado
Fraternal GIACOMO ADDUCI,
representante da
UIS Metaux.

II CONGRESSO



Uma das raras fotos registrando a presença de Ubirajara (primeiro à esquerda) um dos mais atentos e devotados ativistas metalúrgicos da geração ceifada em 64. A seu lado, numa plenária: Lellis, Aureo, Ulisses e Apolônio meio adormado.

Foto 3: I Encontro Intermunicipal dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Rio de Janeiro. Muriqui (RJ), 1960. Ulisses Lopes foi como delegado.

I Encontro



Numa das reuniões de trabalho
Morena fala aos metalúrgicos.
À mesa: Ulisses e Alberto.

Fotos 4 e 5: I Encontro Intermunicipal dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Rio de Janeiro. Muriqui (RJ), 1960. Ulisses foi vice-campeão com equipe de vôlei.

I Encontro

49



Ferro Maleável Vice-campeã



Volleybol realizado na semana do 1º Encontro
de Vôlei do I Encontro.

7
1

PROGRAMAS GERAIS DOS JOVENS TRABALHADORES:-

1)- DURAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO E SALÁRIO DO MENOR:

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado de Guanabara

Examinando a atual jornada de trabalho para os jovens trabalhadores, considerou que a mesma não atende às necessidades dos jovens na sua formação cultural, recreativa e profissional.

Considerando que sobre o assunto já se pronunciaram as entidades metalúrgicas de todo o Brasil, através do III Congresso Nacional realizado em Belo Horizonte, conclama à todos os Sindicatos Metalúrgicos do Brasil a aderirem seriamente pela aplicação das cláusulas "b" e "c" da Resolução nº 10 do III Congresso Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos.

2)- PERICULOSIDADE, INSALUBRIDADE, E PROMISCUIDADE NOS LOCAIS DE TRABALHO:

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado de Guanabara

Examinando a situação do trabalho dos jovens metalúrgicos em nosso Estado, onde na maioria das fábricas e oficinas as condições de periculosidade, insalubridade e higiene são as mais precárias;

Considerando que na quase totalidade das empresas onde trabalham jovens, estes vivem em proximidade com adultos, sem instalações sanitárias, banheiros ou vestiários particulares;

Considerando que em muitas das fábricas e oficinas onde se constata tais irregularidades, existem Conselhos Sindicais organizados, que, entretanto, não encaram com a devida exatidão tão sentido problema.

Recomenda aos jovens trabalhadores metalúrgicos que pressionem as Delegações Sindicais, nos locais de trabalho para que as mesmas se mantenham atentas e luchen pela solução dos citados irregularidades. Onde não existem Delegações Sindicais devem os jovens lutar por sua criação.

3)- SITUAÇÃO DO JOVEM EM UNIDADE DE SERVIÇO MILITAR:

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado de Guanabara.

Analisando a situação em que se encontram os jovens que, ao se aproximarem da época da prestação do serviço militar, se vêem impedidos de conseguir trabalho porque os patrões ou os demitem ou negam emprêgo para fugir ao estabelecido em Lei;

Considerando que pela deficiência do Serviço Militar muitos jovens aguardam a incorporação por um longo período, durante o qual, pelas razões já apresentadas, não obtêm emprêgo, sendo desta forma sensivelmente prejudicados não apenas no aspecto econômico, mas em sua própria formação.

Recomenda que as entidades sindicais de todos os graus lutem junto às autoridades militares, no sentido de que se corrijam as falhas do Recrutamento Militar, liberando-se imediatamente os jovens não incorporados.

4)- DESEMPRÊGO:

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores
Metalúrgicos do Estado da Guanabara.

Estudando a questão do desemprego dos jovens trabalhadores, e concluindo que a mesma é agravada pelo êxodo constante dos trabalhadores do campo para a cidade e pelo fato de que muitos trabalhadores face a alta constante do custo de vida, sujeitam-se a exercer mais de uma função nos locais de trabalho, havendo ainda um grande número dos que ao invés de lutarem por melhores salários dentro das 8 horas de trabalho, fazer horas extraordinárias, preferem contribuindo desta forma para o desemprego.

Resolve conclamar a tôdas as entidades sindicais para que promovam intensa campanha de esclarecimento dos trabalhadores sobre este problema, exortando-os

a lutarem por melhores salários no período normal de trabalho;

a não aceitarem ocupar mais de uma função no local de trabalho; e,

a cerrar fileiras na luta pela conquista da Reforma Agrária Radical.

5)- ENSINO PROFISSIONAL E ADAPTAÇÃO DOS RECÉM FORMADOS:

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores
Metalúrgicos do Estado da Guanabara.

Examinando a vital importância do Ensino Profissio

nal para o desenvolvimento industrial de nosso País, e tendo em -
conta que milhares de jovens em nosso Estado são impedidos de se a
primorarem numa especialidade porque as Escolas Profissionais exis
tentes são insuficientes para atender às necessidades do Ensino;

Considerando que dos poucos jovens que conseguem
formar-se, nem sempre são aproveitados, não obtendo garantia de em
prêgo nas fábricas, face a falta de planificação.

Resolve instar junto às entidades sindicais de to
dos os graus, para que desenvolvam vigorosa campanha no sentido de
que sejam ampliadas as Escolas Profissionais, garantindo-se emprê
go para todos aquêles que venham a concluir seus cursos.

ORGANIZAÇÃO DOS JOVENS TRABALHADORES METALÚRGICOS

1)- ORGANIZAÇÃO NOS LOCAIS DE TRABALHO:-

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores
Metalúrgicos do Estado da Guanabara.

Examinando as debilidades existentes em nosso Sin
dicato com relação à organização dos jovens e considerando a impor
tância das atividades esportivas, artísticas, recreativas e cultu
rais como fortes atrativos para a juventude operária;

Estudando a necessidade de que cada Conselho de
Fábrica ou Oficina tenha um companheiro responsável por tais ativi
dades;

Propõe à Diretoria do Sindicato que dê todo apoio
às atividades da Comissão de Recreação e Cultura à qual está afeta
o trabalho juvenil e feminino, estimulando-a no cumprimento de -
suas tarefas.

Sugere ainda, à corporação metalúrgica do Estado-
da Guanabara que, quando da discussão do novo Regimento Interno do
Sindicato, estabeleça a criação de um Responsável pelas atividades
da Comissão de Recreação e Cultura como integrante das Delegações-
Sindicais.

2)- ORGANIZAÇÃO DOS JOVENS TRABALHADORES NO ÂMBITO NACIONAL:-

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores
Metalúrgicos do Estado da Guanabara.

Estudando a importância da organização dos jovens
trabalhadores brasileiros e tendo em conta que o órgão máximo dos

trabalhadores nas indústrias não possui secção específica para o trabalho juvenil.

Reafirma a Resolução do I Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado da Guanabara, insistindo junto à CNTI no sentido de que seja criado seu Departamento Juvenil.

3)- ENCONTROS E CONFERÊNCIAS DE JOVENS TRABALHADORES METALÚRGICOS:

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado da Guanabara.

Estudando as experiências do primeiro e do atual-Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado da Guanabara, concluiu que apesar dos aspectos positivos que apresentam - com a arregimentação de grande número de jovens e pelo seu caráter festivo, os Encontros de Jovens Metalúrgicos dificultam uma discussão profunda dos problemas atinentes às reivindicações e organização dos jovens metalúrgicos.

Considerou que existem já tôdas as condições para a promoção de um amplo debate específico sôbre os jovens operários em nosso setor.

E resolve propor a realização dentro de um ano, de uma Conferência dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado da Guanabara, a qual aprofundará o estudo dos problemas relacionados com as reivindicações e a organização dos jovens metalúrgicos.

Decidiu ainda sugerir a Diretoria do Sindicato - que promova a cada dois anos a realização de Encontros dos Jovens-Metalúrgicos do Estado da Guanabara, sob a direção da Comissão de Recreação e Cultura.

SOLIDARIEDADE AO MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

O II Encontro dos Jovens Trabalhadores Metalúrgicos do Estado da Guanabara.-

Após o debate da situação do mundo em nossos dias examinando as lutas, o avanço e a unidade da classe operária internacionalmente tão significativamente afirmada no grande e unitário V CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL; examinando a luta dos povos colonizados ou sub-desenvolvidos, no caminho de sua independência e da emancipação política e econômica; estudando as constantes ameaças à Paz mundial, em Berlim, no Laos, e principalmente com as últimas - explosões de engenhos nucleares; acompanhando atentamente os prepa

rativos de mercenários armados pelo imperialismo norte-americano - para novas agressões a Cuba;

RESOLVE:-

Saudar e apoiar de maneira irrestrita as Resoluções do V CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL, realizado em Moscou, de 4 a 16 de Dezembro de 1961, e muito especialmente sua Decisão de convocar uma Conferência Sindical Internacional para discutir os problemas ligados a formação profissional da juventude operária.

Saudar e solidarizar-se com os operários e estudantes de Espanha e Portugal na vigorosa luta que encetam contra os regimes fascistas de Franco e Salazar.

Condenar a ação fascista de diversas organizações terroristas em diferentes partes do globo, tais como o MAC no Brasil, e as OES na França e na Argélia, onde impunemente desencadeia desenfreada e indiscriminada matança da população muçulmana.

Apoiar a luta pela Paz e o Desarmamento, condenando as explosões nucleares para fins belicistas e protestando contra o ressurgimento do militarismo alemão pelas potências ocidentais.

Apoiar a luta de libertação dos povos, condenando o Colonialismo e o Imperialismo em todas as suas formas.

Defender o princípio da auto-determinação dos Povos, particularizando em nosso Continente a defesa do Direito que tem o bravo Povo Cubano de trilhar o caminho que escolheu, rumo ao Socialismo.